



TRAJETÓRIAS DE MULHERES NEGRAS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA: O CORPO COMO ESPAÇO DE SABER E RESSIGNIFICAÇÃO

Ana Paula da Silva da Costa
Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ (Brasil)
Endereço Eletrônico: anapaulaestrela_rj@hotmail.com

Juliana de Araújo Gallo
Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ (Brasil)
Endereço Eletrônico: biojuliana.araujo@gmail.com

Thayná Trindade
Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ (Brasil)
Endereço Eletrônico: thayna.t.andrade@gmail.com

2880

*“Você pode atirar em mim com as suas palavras,
Você pode me cortar com os seus olhos,
Você pode me matar com o seu ódio,
Mas mesmo assim, como o ar, eu me reerguerei.”*

(Maya Angelou)

INTRODUÇÃO

Diversas são as formas de violência contra as mulheres, categorizadas em sexual, física, patrimonial, moral e psicológica. Dados da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2020), revelam que a violência contra as mulheres ainda é muito prevalente nos países, sendo sua forma mais comum, a realizada pelo parceiro íntimo. Esse tipo de violência tende a aumentar durante os períodos de emergência, tais como o observado durante a pandemia de COVID-19. Segundo a OMS (2020), na esfera global, uma em cada três mulheres no mundo já sofreu violência física ou sexual. Para Berth (2019), enquanto não ocorrer o “empoderamento”¹, haverá uma contínua e constante fragilidade social que expõe à violência, que está atrelada ao silenciamento.

Aos nos questionarmos sobre a violência contra as mulheres, é importante salientar sobre que mulheres estamos falando. O conceito de mulher não é universal, sendo necessário adicionar os marcadores sobre o referencial sócio-político no qual essa mulher se filia: classe, raça, sexualidade, idade, deficiência, identidade de gênero,

¹ Segundo a OMS, empoderamento é uma abordagem que permite aos indivíduos e às comunidades a identificação de seus próprios problemas e o desenvolvimento, por meio de métodos participativos, de recursos, habilidades e confiança necessários para abordá-los. Informações disponíveis em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/3661>. Acesso em: 26 abr. 2022.



território, entre outros. Sendo assim, não é possível estabelecer uma mulher “universal”, bem como não é possível a defesa de narrativas únicas sobre as necessidades da categoria mulher. Tomamos como exemplo a realidade de mulheres com deficiência, que de acordo com Mello e Nuemberg (2012, p. 639-640),

[...] estão em dupla desvantagem devido a uma complexa combinação de discriminação baseada em gênero e deficiência. Consequentemente, enfrentam uma situação peculiar de dupla vulnerabilidade, que se torna ainda mais complexa a partir da incorporação das categorias de raça/etnia, classe, orientação sexual, geração, região e religião.

2881

Uma das grandes contradições sociais da atualidade, as relações de desigualdade constituídas pelo patriarcado² e pelo racismo³ determinam a dominação e submissão das mulheres, sobretudo as negras. Manifestando-se através da violação simbólica e explícita que atravessam a sociedade, exercendo influência sobre os modos de viver, adoecer e morrer femininos.

A respeito da prevenção da violência contra as mulheres, a OMS (2020) diz que Governos e formuladores(as) de políticas devem incluir serviços essenciais voltados à esse contexto para ajudar a mitigar os impactos da violência causada contra mulheres e crianças. Assim como ocorre no programa Empoderadas⁴, que consiste em um conjunto de ações de enfrentamento à violência de gênero, capacitando mulheres para identificar situações de violência e construir conjuntamente mecanismos de defesa e sobrevivência, por meio do esporte, de iniciativas de formação, rodas de conversa, apoios psicológico, social e jurídico. Trata-se de uma política pública que busca atenuar os danos causados pela violência estrutural de gênero, agravada pelo racismo, desigualdade social, capacitismo⁵, homofobia, transfobia, dentre outros aspectos, que, imbricados, geram uma heterogeneidade nos casos de agressão. Atuando na possibilidade de supressão de diversas dimensões, tais como, escassez financeira, dependência emocional, situação de

² Sistema baseado na disparidade de gênero, que considera uma superioridade do gênero masculino sobre o feminino, beneficiando principalmente o homem branco, heterossexual e cis.

³ Tomamos racismo como uma ideologia organizadora da modernidade, pautada na crença de uma superioridade branca que justifica e naturaliza desigualdades sociais que atravessam a sociedade de maneira diversa e estrutural, produzindo efeitos e discursos de subalternização do negro, o tornando o outro da norma social.

⁴ Programa de prevenção e combate à violência contra a mulher, idealizado por Erica Paes, lutadora de jiu-jitsu e MMA, promovido pela Secretaria de Desenvolvimento Social e Direitos Humanos do Estado do Rio de Janeiro (SEDSODH) em parceria com a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

⁵ De acordo com Adriana Dias (2013), trata-se de uma concepção que está presente no contexto social que interpreta a pessoa com deficiência como “diferente”, com menos aptidão ou capacidade para gerenciar a própria vida e, que mesmo de forma subentendida, esse conceito está intrínseco na sociedade, a partir de uma construção social simbólica.



risco iminente, etc., por meio de ações como rodas de conversas, aulas de autodefesa, palestras e cursos profissionalizantes, promove o acesso a renda e elucida as demandas de segurança, viabilizando a compreensão sobre o que é e como sair de uma situação de violência. Dessa forma, proporciona uma relação de pertencimento, construindo uma rede de apoio entre mulheres, instituições e profissionais de assistência social e saúde mental, além de oportunizar a autonomia e a autorrealização das mulheres.

Nesse sentido, assumimos por objetivo evidenciar os caminhos metodológicos escolhidos para compreender e analisar as narrativas de vida das mulheres atendidas pelo programa Empoderadas, em especial, mulheres negras e periféricas que foram vítimas de violência.

2882

METODOLOGIA

A pesquisa, em fase de desenvolvimento, vem sendo realizada pela equipe Empoderadas-UERJ por meio de entrevistas semiestruturadas com coordenadoras dos polos do projeto, distribuídos pelo estado do Rio de Janeiro, e com mulheres atendidas pelos mesmos. As análises estão sendo realizadas a partir dos conceitos de Interseccionalidade (COLLINS; BILGE, 2021) e Decolonialidade (BERNADRINO-COSTA; MALDONATO-TORRES; GROSGOUEL, 2020), baseadas nas narrativas dessas personagens. Propomos a utilização das categorias Corpo-Político e Resignificação, tendo a dinâmica racial do corpo como ponto de inflexão. Buscamos trazer a primeira categoria como forma de análise, na qual a vivência da entrevistada e o lugar que seu corpo ocupa socialmente afirma a existência como ato de demarcação epistêmica. Já a categoria Resignificação nos permite observar as formas de transpor uma situação de violência, atribuindo-lhes novos significados a favor da perpetuação da vida por outros modos. Esperamos que os resultados da pesquisa promovam novas perspectivas de produção de conhecimento, necessariamente implicado na luta contra a colonialidade, contra o racismo, no enfrentamento à violência de gênero, na conservação e promoção da vida de mulheres negras.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com Gonzalez (1995), a discriminação de sexo e raça faz das mulheres negras o segmento mais explorado e oprimido da sociedade brasileira. A perspectiva decolonial agrega, necessariamente, a luta política alinhada ao saber científico, se constituindo como sua forma de produção de conhecimento que valoriza

Realização:



Apoio:





as lógicas cognitivas, sociais, políticas, econômicas, culturais e subjetivas próprias de territórios e processos de resistência das populações afrodiáspóricas, tais como se constitui o Brasil. Corroborando assim, com o fato de que as sujeitas da pesquisa estejam inseridas em um espaço social de luta política e reivindicação de transformação de um cenário social, o programa Empoderadas.

Já o conceito de interseccionalidade nos ajuda a correlacionar a situação de violência de gênero vivenciada como um *continuum* da desigualdade que reafirma um modelo de sociedade no qual o corpo negro, feminino e pobre é o mais atingido por essa lógica, já que grupos com desvantagens múltiplas são afetados desproporcionalmente (COLLINS e BILGE, 2021, p. 120). Ademais, antes de ser incorporada pela academia, essa ferramenta de análise teórica, fundamental para complexificar o estudo das estruturas sociais, foi elaborada por mulheres negras em busca do combate às desigualdades e opressões especificamente direcionadas a elas.

Acrescentamos ao debate a categoria corpo-político do conhecimento: propondo localizar o corpo das mulheres (negras) como lugar de produção válida de saber e, assim como aponta Hooks, (1995), favorecer o pensamento a partir de suas experiências de vida.

CONCLUSÕES

O delineamento de metodologias de pesquisa e referenciais teóricos que articulam a construção do conhecimento com a luta para uma sociedade mais justa é imprescindível. Visto que, historicamente, o saber valorizado é o hegemônico, enquanto outras formas de cultura são deslegitimadas, mantendo as estruturas de dominação. Por isso a importância de ressaltar as mulheres negras como sujeitas centrais na pesquisa e suas autonarrativas como forma de lhes garantir seu protagonismo.

A análise dos dados que serão construídos com as entrevistas funcionará como uma devolutiva aos desdobramentos do programa Empoderadas. Dessa forma, ocorrendo uma sinergia teórico-práxis, na qual uma pesquisa acadêmica incorpora e valoriza o conhecimento produzido na prática e colabora com um aprofundamento conceitual e analítico para estruturação de políticas públicas em busca de justiça social.

PALAVRAS-CHAVE: Empoderadas. Violência contra mulheres. Raça. Interseccionalidade. Decolonialidade.

2883



REFERÊNCIAS

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro. Pólen, 2019. 184 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro).

BERNADRINO-COSTA, Joaze; MALDONATO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón, (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2ª ed. - Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução Rane Souza. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2021.

DIAS, Adriana. Por uma genealogia do capacitismo: da eugenia estatal à narrativa capacitista social. In: I SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE A DEFICIÊNCIA. Anais [...], São Paulo, 2013, p 1-14. Disponível em: http://www.memorialdainclusao.sp.gov.br/ebook/Textos/Adriana_Dias.pdf. Acesso em 10 dez. 2020.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Organização Flávia Rios & Márcia Lima. Zahar, 2020.

MELLO, Anahi Guedes de; NUERNBERG, Adriano Henrique. Gênero e deficiência: interseções e perspectivas. **Revista Estudos Feministas**, vol. 20, núm. 3, setembro-dezembro, 2012, p. 635-655. Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina, Brasil.

HOOKS, bell. Intelectuais negras. **Revista Estudos Feministas**. v. 3, n. 2, 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465/15035>. Acesso em 16 abr. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. (2020). **COVID-19 e violência contra as mulheres**: o que o setor/sistema de saúde pode fazer. Organização Mundial da Saúde, 2020. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/331699>. Acesso em: 26 abr. 2022.

2884

Realização:



Apoio:

